

1.

Introdução:

Construímos teorias para explicar acontecimentos históricos, para tentar prever fenômenos naturais, descrever suas propriedades e, especialmente, para buscar entender como o homem vive, compreende e se comporta no mundo. Em cada aspecto de nossa vida comum fazemos uso de teorias mesmo que nosso contato com elas seja por ouvir dizer e nosso conhecimento não seja especializado, mas parte do senso comum. Teorias são construtos lingüísticos que contêm em sua estrutura elementos empíricos e abstratos. Na medida em que há dificuldade de caracterizá-los e relacioná-los, o abstrato e o empírico conformam um problema filosófico. O objetivo da pesquisa que deu origem a este ensaio dissertativo foi o de analisar a natureza destes elementos e as relações que podem manter entre si. Nesta dissertação, farei um estudo sobre o modo como W. V. Quine, filósofo do século XX e crítico do empirismo lógico, pensou o abstrato, o empírico e as relações que devem manter para que a epistemologia cumpra um papel pragmático. Depois da análise histórica e estrutural da filosofia naturalista de Quine, procuro mostrar como alguns aspectos de sua visão sobre o abstrato e o empírico encontram limites e precisam ser adaptados. O objetivo principal desta dissertação é apresentar historicamente e sistematicamente as interpretações de Quine sobre o *a priori*, a analiticidade, a experiência sensível e a linguagem, considerados aqui como parte de dois grandes grupos: o abstrato e o empírico. O segundo, um objetivo crítico, é mostrar que a filosofia de Quine é conhecida como sendo mais radical do que é, e que Quine ele mesmo não se furta em abrir mão de certas interpretações para poder manter o empirismo naturalista. Entretanto, procuro mostrar que o enfraquecimento das teses aponta para as fragilidades de sua epistemologia, que não consegue sustentar-se sem especulações *a priori* e objetos abstratos. Para isso apresento, seguindo uma linha histórica, o desenvolvimento das visões de Quine sobre o abstrato e o empírico e concluo com um estudo crítico de seu empirismo através da tese da subdeterminação.

Quine construiu uma epistemologia naturalista originada na idéia de que os princípios abstratos que fundam a metafísica não são mais seguros que o método científico e deveriam, por isso, ser abandonados em prol de uma

investigação filosófica dirigida pela e para a experiência sensível. Entretanto, é possível encontrar algumas evidências em Quine que apontam para o contrário, para uma prática filosófica que não difere substancialmente da epistemologia tradicional. A tese da subdeterminação, a aceitação de entidades abstratas matemáticas, o uso de procedimentos *a priori* de investigação indicam que sua epistemologia é menos dependente da experiência do que parece à primeira vista. Assim, pretendo mostrar que o empirismo da teoria do conhecimento de Quine é mais modesto do que parece. Para tanto, deixo explícito como Quine concebe os conceitos de “entidade abstrata”, “definição”, “analítico” e “a priori” e quais suas razões para rejeitar certa interpretação destes conceitos. Num segundo momento, apresento a epistemologia naturalizada, concebida para permitir um empirismo pragmático e a eliminação das fronteiras entre ciência natural e metafísica especulativa. Concluo o trabalho problematizando a epistemologia naturalizada apresentando a tese da subdeterminação como um caso que aponta para limites na teoria do conhecimento de Quine. Nesta introdução, procurarei apresentar o problema de modo ensaístico e dissertativo para facilitar a compreensão e esclarecer a importância filosófica desta discussão. Na conclusão, levantarei as dificuldades que esta dissertação enfrenta.

Teorias são conjuntos de sentenças logicamente articuladas entre si que se pretendem justificadas e verdadeiras sob certas condições. Neste sentido, a realidade ou a forma das coisas funcionam como parâmetro para se discutir a verdade de uma sentença ou teoria. Então, para discutir a pertinência de uma ou outra teoria é preciso testar sua eficácia prática, verificá-las empiricamente. Porém, nem todas as sentenças de uma teoria são testáveis e tem correspondente na experiência e, do mesmo modo, nem todos os conceitos e objetos presentes em uma sentença são observáveis. Conseqüentemente, o lugar dos conceitos nas teorias não segue apenas do escrutínio das evidências empíricas. Esta constatação nos leva a questionar a natureza dos elementos teóricos: seriam, portanto, as teorias, de uma natureza diferente da experiência sensível? Diferenças entre filósofos e filosofias se deram pela resposta que construíram para esta questão. W. V. Quine, o teórico que elegi como protagonista deste trabalho, procura mostrar

que não há diferença substancial, pois a relação entre teoria e experiência é resultante de uma relação anterior, entre experiência e linguagem. A linguagem é considerada como fruto exclusivo do processamento cognitivo de estímulos-respostas causados pela experiência.

É incontestável a importância que Quine dá à experiência sensível: “nada acontece no mundo, nem o movimento de uma sobrancelha, nem um movimento de pensamento, sem que haja uma redistribuição de estados microfísicos¹” Quine pressupõe que o conhecimento é um processo empírico que deve ser objetivamente comprovado. Para isso é preciso um método empirista, que faça uso exclusivamente de descrições objetivas do mundo para que delas seja possível derivar hipóteses plenamente testáveis. Além da busca pela objetividade, Quine procura iniciar a prática filosófica em meio às coisas que percebemos, à linguagem e a teoria que temos: “(...) nosso questionamento acerca dos objetos pode somente coerentemente iniciar em relação a um sistema teórico que esteja baseado, ele próprio em nossa aceitação preliminar dos objetos.²” A aceitação das coisas exteriores e o conhecimento das mesmas através de sua ação sobre os nossos corpos é uma verdade inquestionável para Quine. Por isso, o ponto de partida de sua investigação é a própria experiência cognitiva, representada pela linguagem e as descrições das coisas físicas. Quine procura sempre se ater à experiência, evitando considerar qualquer tipo de verdade que dela independa. Entretanto, procurarei mostrar que este projeto radical de empirismo enfrenta alguns limites.

A filosofia de Quine é fruto de uma reflexão sobre os rumos que a teoria do conhecimento foi levada durante o Círculo de Viena³, no início do século XX.

¹ “Nothing happens in the world, not the flutter of an eyelid, not the flicker of a thought, without some redistribution of microphysical states.” em “Goodman’s Way of Worldmaking”, pág.98

² “(...) since our questioning of objects can coherently begin only in relation to a system of theory which is itself predicates on our interim acceptances of objects.” em *Word and Object*, pág. 4. A tradução desta frase para o português é a mesma de Sofia Stein e Desidério Murcho em *Palavra e Objeto*. Todas as outras traduções presentes nesta dissertação foram feitas por mim.

³ O grupo era liderado por Moritz Schlick e constituído por vários interessados nas discussões sobre filosofia da ciência. Hans Hahn, Otto Neurath, Carnap foram uns dos primeiros a participar. Posteriormente outros membros como Feigl, Waismann, Gödel foram recrutados. Além deles, participantes esporádicos também contribuíam para as discussões e, dentre eles, haviam os estudantes-pesquisadores que visitavam o grupo a fim de realizar suas pesquisas. W.V. Quine foi um, tendo participado do grupo como parte de sua pesquisa de doutorado. É largamente sabido que o Círculo de Viena evitou o estilo histórico de filosofar, deixando por vezes obscuro o caminho que mapeia suas influências. Porém não é verdadeiro dizer que este foi um movimento a-histórico. Ainda que não haja uma preocupação explícita, suas filosofias não se apresentam como um

Em sua crítica afirma que os empiristas clássicos estavam corretos em dizer que a análise entre teoria e experiência é crucial para a investigação científica, mas falharam ao pensar que evidências são suficientes para justificar uma teoria. Para os empiristas, a ciência deveria ser justificada pelos dados sensíveis, pois estes parecem mais certos e seguros do que, por exemplo, as idéias ou os conceitos. Quine quer discutir esta diferença, mas ao invés de sugerir que os conceitos e as idéias são tão seguros e certos quanto os objetos da experiência, considera-os também como partes da teoria que são passíveis de investigação. Entretanto, Quine sabe o que o une aos empiristas: “o que estamos tentando fazer é explicar o que podemos observar.”⁴

Independente do campo de conhecimento - nas ciências exatas, biológicas ou humanas, os fatos e evidências provenientes da experiência comum permitem a criação de diferentes teorias capazes de justificá-los. Não é razão para espanto a constatação de que frequentemente emergem mais de uma teorização plausível para um mesmo conjunto de elementos observáveis, pois é parte do senso comum a intuição de que um fato qualquer pode ser explicado de diversas maneiras, até mesmo contraditórias entre si. Além de serem várias, cada explicação tem características próprias e apresenta relações específicas com a experiência onde enquanto uma assume certos pressupostos outra pode negá-los. Esta constatação trivial, de que para um conjunto de fatos quaisquer podemos derivar explicações variadas, é repensada de modo técnico e informativo na tese da subdeterminação. Thomas Bonk no livro *Underdetermination: an Essay on Evidence and the Limits of Natural Knowledge*, confirma a importância de Quine para o estudo desta questão: “A idéia de que as teorias científicas são subdeterminadas pelas observações e experimentos que parecem confirmá-los não se originou com W.V.Quine, mas ele fez muito para trazer à tona sua significância epistemológica,

momento de suspensão na tradição. Pelo contrário, há vínculos e inspirações provenientes de pensadores anteriores. Pode-se, portanto, classificá-lo como um grupo de debatedores, que apresentavam idéias distintas, voltadas para questões epistemológicas. Especialmente valorizada era discussão sobre como combinar o empirismo clássico e a ciência experimental e formal emergente. Carnap é um exemplo importante, pois tentou levar às últimas conseqüências o projeto de um empirismo lógico. Com os livros *A Construção Lógica do Mundo* (1928) e *A Sintaxe Lógica da Linguagem* (1934) procura redefinir o estatuto teórico da filosofia e mostrar como é possível reduzir as leis científicas, através de uma reformulação das mesmas, à experiência imediata. Para explicações mais aprofundadas ver o artigo “Quine and Logical Positivism” de Daniel Isaacson.

⁴ “What we’re trying to do is explain what we can observe.” em “Perspectives on Logic, Science and Philosophy”, pág. 47.

metodológica e metafísica.⁵” Esta tese, de que as teorias científicas não são completamente determinadas pelas observações, mostra os limites de um empirismo puro e a insuficiência da experiência na construção de teorias, além de apontar para a flexibilidade das relações entre o abstrato e o empírico.

Este é o problema que o empirismo sem dogmas de Quine e o naturalismo de modo geral enfrentam: como equacionar abstração e experiência segundo uma medida harmônica? Qual a melhor forma de pensar o encontro entre lógica, linguagem e experiência? Para mostrar que teoria, linguagem e experiência são intrinsecamente ligadas, Quine faz uso de uma analogia para definir teoria: “A teoria como um todo é um tecido de sentenças associadas de várias maneiras entre si e com estímulos não-verbais através dos mecanismos de resposta condicionada.⁶” Deste modo, “teorias implicam em um compartilhamento, através das sentenças, de suportes sensoriais⁷”. Assim, a teoria da linguagem de Quine se mistura à epistemologia, pois o conhecimento que uma pessoa tem sobre o mundo depende de seu saber lingüístico. Se o conhecimento da linguagem pode ser representado como uma rede de agregados lingüísticos que por sua vez são associados a estímulos sensíveis e a condições de reação, a totalidade de nosso conhecimento e o conjunto de teorias que temos por verdadeiras também podem ser caracterizados nesses termos. Mas como palavras estão associadas a condições de estímulo e resposta? Estando associadas a situações, fatos e experiências vividas.

Ao invés de oferecer uma explicação da teoria da linguagem de Quine – o que farei adiante no capítulo 2- irei ilustrar este modo de pensar a linguagem com uma descrição feita por Christine Kenneally no livro *The First Word – The search for the origins of language*. Neste livro, Kenneally procura mostrar como é possível explicar as origens da linguagem pela teoria da evolução e a genética. Sua tese não nos interessa aqui, mas a maneira como ela pensa e concebe a linguagem que é bem próxima da de Quine e nos servirá como uma introdução. Sigamos sua experiência de pensamento:

⁵ “The idea that scientific theories are underdetermined by observations and experiments that appear to support them did not originate with Willard V. Quine, but he did much to bring out its epistemological, methodological and metaphysical significance.” Em *Underdetermination – An Essay on Evidence and the Limits of Natural Knowledge*, pág. 1

⁶ “The theory as a whole (...) is fabric of sentences variously associated to one another and to non-verbal stimuli by the mechanisms of conditioned response.” em *Word and Object*, pág. 11.

⁷ “Theory causes a sharing, by sentences, of sensory supports.” *Ibid.*

“Imagine todo o seu conhecimento sobre a linguagem cintilando acima de sua cabeça- ao invés de dentro dela- onde cada palavra brilha como uma estrela. Ao menos seis mil espasmos de luz – “tijolo”, “machado”, “penhor”, “sapato”, “vitoriano” e “maçã”, pendure-os no ar acima de seu crânio. Olhe mais aproximadamente para cada estrela e você verá que cada uma delas não é só um ponto de luz, mas um intenso agrupamento de todas as coisas que você sabe sobre esta palavra. A estrela “rosa” inclui pedacinhos de conhecimento tais como o modo como a palavra soa quando você a pronuncia e qual a sua forma quando você a escreve. Talvez uma pequena imagem de rosa flutue por ali, ou talvez dez ou vinte protótipos de rosa, todos os que ajudam você a conectar “rosa”, a palavra, com o florescer de qualquer botão rosáceo que você por ventura venha encontrar. Você sabe que rosas, como a maioria das flores, são perfumadas, delicadas e vivem pouco. Isto constitui o conhecimento físico. Quando você traz uma próxima ao seu nariz, seu corpo responde com expectativas sobre o que acontecerá depois. Se a flor tem cheiro podre, você sente-se chocado e desgostoso. Mas você também tem conhecimento lingüístico. “Rosa” mantém uma relação especial com palavras como “perfume” e “fragrância”, e elas estão juntas de uma maneira que “concreto” e “fragrância” não estão.

Na constelação de palavras que agora se trança acima de sua cabeça, desenhe a conexão entre “rosa” e “perfume” como um filamento que corre entre estas duas estrelas. Outras linhas também correriam entre “rosa” e “vermelho”, entre “rosa” e “flor” e entre “rosa” e “nariz”. De fato, há linhas que conectariam “rosa” a todo o tipo de palavra – palavras com significado parecido, palavras com sonoridade semelhante e palavras com o mesmo campo morfológico. Se todas as coisas que você soubesse sobre “rosa” e suas conexões com outras palavras fossem incorporadas em seu universo lingüístico, linhas iriam se proliferar rapidamente. Tente então mapear outras conexões para as palavras da língua portuguesa incluindo tudo, desde o mais leve trocadilho até a mais densa pérola da gramática, todas as associações, conjugações, os sinônimos, os antônimos, os homófonos, faça-os se manifestar. Agora todo o lugar que você olha, fibras se enroscam em torno de palavras, puxando-as para perto umas das outras, deixando firme toda a montagem. Alguns links podem ter relações especialmente significantes. As conexões mais fortes entre as palavras terão caminhos mais grossos. Há tantas linhas que você quase não consegue ver as palavras para as relações que elas têm entre si. O que começa com alguns poucos fios é agora o emaranhado complexo da rede de linguagem.⁸”

Kenneally nos força a imaginar as várias relações que uma palavra tem com outra e nos faz perceber como estas mesmas relações não são dadas *a priori*. Do contrário, cada palavra surge em nossa imaginação vinculada a um conjunto de experiências particulares vividas. Estas relações entre experiência e palavra e entre palavras são tão numerosas que formam uma complexa rede de linguagem, que nos auxilia a organizar nossas experiências e nos orienta para ações futuras. Entretanto, continua ela,

“a linguagem não é apenas uma reprodução do mundo físico. Se você olhar de perto, verá que há buracos na rede que você construiu, lugares em que o mundo das

⁸ em *The First Word. The Search for the Origins of Language*, pág 1.

palavras não corresponde ao mundo físico. Palavras alinham-se de acordo com suas próprias regras. (...) E porque a linguagem não imita o mundo, você pode fazer coisas com ela que são impossíveis segundo as leis da física. Você é um deus na linguagem. Você pode criar. Destruir. Reorganizar. Distribuir palavras por aí da maneira que você quiser. Você pode contar histórias sobre coisas que nunca aconteceram sobre pessoas que nunca existiram. Você pode puxar um camelo por um buraco de agulha. É fácil de fazer quando “camelo” e “agulha” são palavras. Na linguagem, a mortalidade não fica soando incansavelmente. Você pode se considerar vivo para sempre. Ou você pode imaginar-se morto. E então vivo de novo. Você pode viver, morrer, viver, morrer, viver, morrer, viver.⁹”

O fato de que a linguagem nos permite construir situações que não existem e gerar conceitos que não tem referência no mundo real tanto nos auxilia na construção de teorias quanto nos gera problemas. Quine defende que o conhecimento deve ser fruto de hipóteses testáveis e de observações e evidências que sejam sensíveis, pois este é o modo mais seguro para construirmos um corpo de conhecimento. Para tanto, pressupõe e constata que somos organismos físicos presentes em um mundo físico no qual e com o qual mantemos interações. Descreve, assim, a situação do filósofo ou do cientista do seguinte modo:

“Eu sou um objeto físico sentado em um mundo físico. Algumas forças deste mundo físico afetam minha superfície. Raios de luz tocam minhas retinas, moléculas bombardeiam meus tímpanos e minhas pontas dos dedos. Eu os golpeio de volta emanando concêntricas ondas no ar. Estas ondas tomam a forma de um abundante discurso sobre mesas, pessoas, moléculas, raios de luz, retinas, números primos, classes infinitas, alegria e tristeza, bem e mal.¹⁰”

Partindo do princípio de que o filósofo é um objeto físico presente num mundo físico, Quine trata tudo o que pode ser pensado e transformado em conceitos e linguagem como pertencentes a uma mesma realidade física. Entretanto, é legítimo que questionemos este ponto de partida. Quine afirma que ondas de luz tomam a forma de uma corrente de discurso sobre mesas, pessoas, moléculas, alegria e tristeza e números primos. É preciso esclarecer em que medida é possível considerar o bem o mal, e os números primos da mesma forma que consideramos as cadeiras. Este movimento, da percepção para a linguagem e da linguagem para a percepção será explorado nos dois primeiros capítulos. No

⁹ *Ibid.*

¹⁰“I am physical object sitting in a physical world. Some of the forces of this physical world impinge on my surface. Light rays strike my retinas; molecules bombard my eardrums and fingertips. I strike back, emanating concentric airwaves. These waves take the form of a torrent of discourse about tables, people, molecules, light rays, retinas, prime numbers, infinite classes, joy and sorrow, good and evil” em “The Scope and Language of Science”, p.228

primeiro, mostraremos a direção que vai da linguagem à percepção, analisando modos de se construir definições, problemas na noção de significado, de *a priori* e de sentenças analíticas, para sabermos como a linguagem pode ser e deve ser estruturada para gerar conhecimento e teorias. No segundo capítulo, exploraremos a direção oposta, que vai da percepção à linguagem, e analisaremos o conceito de epistemologia naturalizada, construído como resultado de uma valorização do aprendizado da linguagem e da experiência sensível.

De todas as questões filosóficas persegui uma: de que são feitas as teorias? Teorias são feitas de idéias traduzidas em palavras, idéias e palavras que capturam objetos e descrevem a harmonia ou a desarmonia do mundo. São palavras encadeadas em sentenças que, capazes de levar informação de um lugar a outro, tornam os seres humanos capazes de formar um entendimento unânime ou coletivo sobre o mundo. Teoria é um grupamento de sentenças relacionadas de tal modo que o sentido proveniente da sintaxe lógica que ela carrega tem a capacidade de modificar e delinear comportamentos. Uma teoria verdadeira implica em certo modo de observar, interpretar e agir no mundo. E assim posso caracterizar de modo bastante geral a motivação filosófica deste trabalho, uma motivação iniciada por um interesse no ato mesmo de teorizar e que se realiza e culmina num ensaio filosófico dissertativo, numa pequena teoria sobre teorias. A delimitação do escopo da dissertação me impede de versar e refletir sobre questões mais precisas acerca dos aspectos constituintes das teorias, mas por outro lado, me permite investigar um modo específico de tratar teorias filosóficas. O objeto da dissertação, como dito, é a teoria do conhecimento de Quine. Investiguei desde os primeiros escritos filosóficos de Quine, procurando críticas e teses que pudessem ser consideradas pressupostos do naturalismo e elegi três escritos para análise: “Harvard Lectures on Carnap”(1934), “Truth by Convention”(1936) e “Two Dogmas of Empiricism” (1951). Escolhi estes três, pois cada um deles é significativo em um aspecto: as “Harvard Lectures” representam o primeiro contato com a obra de Carnap e o ponto de partida das reflexões de Quine, “Truth by Convention” é o artigo crítico inaugural onde Quine começa a distanciar-se do

convencionalismo de Carnap, já o “Two Dogmas” foi eleito por sua importância filosófica e pela riqueza de teses oferecidas.

Nesta dissertação procuro mostrar o desenvolvimento e a redução de algumas metas nas teses defendidas por Quine. Sustento que a radicalidade da crítica à distinção analítico-sintético, e mesmo do *a priori* não é tão intensa como parece à primeira vista. Quine aparenta ser um filósofo mais revolucionário do que é propriamente e este será um tema que permeará todo este escrito. Quero mostrar que o essencial das teses de Quine são argumentos simples, com conseqüências menos drásticas do que comumente se considera. O que chamo de “essencial nas teses de Quine” são as idéias que permanecem constantes desde as primeiras até as mais tardias enunciações das mesmas.

No primeiro capítulo, ofereço uma breve análise histórica do conceito de *a priori* na medida em que ela ajuda a elucidar quais as influências e a quem ele se dirige quando pretende defender um conhecimento totalmente dependente da experiência, sem sentenças que não são baseadas em observações. Depois de esclarecer o conceito, chamo atenção para o fato de que mesmo recusando conceitos como “significado” e a “*a priori*”, Quine assume certas entidades abstratas e faz uso de procedimentos *a priori*. No segundo capítulo apresento a teoria do conhecimento de Quine, conhecida como epistemologia naturalizada. Neste capítulo levanto os pressupostos, as razões e os objetivos da proposta de naturalização. Por fim, no terceiro e último capítulo apresento a tese da subdeterminação das teorias em relação aos fatos e discuto como ela pode servir de exemplo confirmador de minha proposta de interpretação. Ou seja, procuro mostrar que no embate entre o empírico e o abstrato, Quine favorece o abstrato e mostra-se menos inclinado a um empirismo radical do que em seus primeiros escritos.

A escolha de Quine para a discussão sobre a natureza das teorias se deu por alguns motivos, mas eu poderia enunciar dois objetivamente: afinidade temática e desafio intelectual. Em sua obra, Quine traz questões sobre o papel da metafísica e da epistemologia no conhecimento, sobre a construção de teorias e o processo de desenvolvimento e aquisição da linguagem. Por ter preocupações filosóficas a partir da lógica, ele toca o centro de um caro problema: como funciona e o que é este método que, apesar de nos auxiliar a construir teorias e ser ele mesmo uma ciência, não nos dá conhecimento sobre o mundo sensível? Discutir os temas

tratados por Quine – grosso modo, as relações entre lógica, linguagem, conhecimento e o mundo sensível, é necessário para o esclarecimento da própria atividade filosófica por serem questões fundamentais à ela. Minha escolha por estudar a obra de Quine em particular se deu por uma questão de desafio intelectual. O estilo de sua escrita, a retórica que ele utiliza e o modo de encadear argumentos faz sua obra rica e desafiadora. Quine dá muitos nós em seus argumentos e torce teses passando por pontos de vista distintos com rapidez. Este mesmo motivo, porém, o torna também fluido como um peixe¹¹, difícil de ser capturado com as mãos ou por um intelecto inocente, por causa de sua “pele” escorregadia (ou “teses escorregadias”, no caso). Quine troca o foco do problema de um artigo para outro e, às vezes, para acompanhar seu percurso é preciso entrar em *loopings* retóricos. Entretanto, a dificuldade em capturá-lo também é um estímulo que torna instigante a leitura de sua filosofia. Procurarei, portanto, estar alerta e passear com cuidado pelas águas quineanas. Como um primeiro movimento de cautela, irei expor os trabalhos de W. V. Quine para que seja possível uma visualização geral de sua obra e tentarei dirigir as análises textuais sendo fiel, na medida do possível, à temporalidade de seus trabalhos.

1.1. Divisão da obra de Quine em períodos

Dividir a obra de um autor em fases é um trabalho que pode ser tirânico. O perigo de uma seleção arbitrária é iminente e quase sempre o resultado a que se chega é equívoco. Porém, para fins didáticos e de prática de pesquisa é importante fazê-lo para que se tenha uma estrutura que permita uma visão panorâmica do trabalho estudado. Neste caso, a divisão de uma obra filosófica em períodos pode tornar-se fundamental para a compreensão do pensamento e sua progressão no tempo. Assim, apresentarei uma divisão mais comum, já estabelecida e irei selecionar um parâmetro para uma organização original, que penso estar mais de acordo com o desenvolvimento do pensamento de Quine.

É comum dividir seu trabalho segundo as décadas de produção, que constituem três períodos (de 1930 a 40, de 1940 a 1960, e de 1970 aos anos 90).

¹¹ Não posso deixar de citar meu orientador, Oswaldo Chateaubriand, que nas aulas sobre Quine se referia a ele como uma “enguia”, pois ao tentarmos pegá-la com as mãos, ela imediatamente se esquivava. A caracterização carinhosa e irônica me agradou e faço uso, assim, de sua metáfora.

Esta divisão anual, porém, nada informa sobre as fases de pensamento do autor e suas mudanças de posição filosófica sendo, por isso, pouco precisa e estanque. Além disso, alguns artigos escritos só chegaram a ser compilados em livros muitos anos depois, o que torna bastante confusa a ordenação sistemática dos mesmos, pois eles aparecem várias vezes em diferentes épocas. Como a obra de Quine é constituída de inúmeros artigos, ensaios e resumos, não é simples organizá-los de modo harmônico porque a maioria dos textos tem duas datas, a da publicação na respectiva revista ou jornal e a data de quando vem a fazer parte de um livro¹². Durante a vida de Quine foram publicadas cinco coletâneas de artigos que foram escolhidos por ele. Em 1953 *From a Logical Point of View*, em 1966 *Ways of Paradox and other Essays*, em 1966 *Selected Logic Papers*, em 1969 *Ontological Relativity and Other Essays*, e em 1981 *Theories and Things*. Todos os artigos publicados em coletâneas já tinham sido previamente disponibilizados em outras publicações.

Por conta disso, irei preferir a organização da obra segundo sua datação histórica, mas tentarei estabelecer um critério de divisão em partes fundamentado no conteúdo filosófico. Assim sendo, duas ramificações são possíveis, uma mais geral e outra mais específica. A mais geral toma o livro *Word and Object* como divisor de águas, onde se entende que há um Quine pré-*WO* que repudia a linguagem intensional e valoriza o recurso à extensão, e outro Quine, pós-*WO*, que radicaliza sua postura e nega tanto a importância de um vocabulário intensional para análise filosófico-científica quanto a eficácia da análise extensional. O livro *Word and Object* é considerado marco fundamental porque nele há teses que serão mantidas posteriormente, e também por levantar e responder questões a respeito da aquisição da linguagem e da referência que já estavam rondando seus escritos desde 1951.

A outra divisão possível, mais detalhada, utiliza como critério menos a progressão histórica e mais a localização filosófica das teses defendidas e procura desviar da comum datação a partir de décadas. Este modo de organizar tem como inspiração a estratégia utilizada pelo próprio autor quando ele selecionava seus artigos para serem compilados em livros. Diz Quine no prefácio de *The Ways of*

¹² A bibliografia mais completa de Quine foi feita por Eddie Yeghianyan, e integra as coleções especiais da biblioteca principal da University of California, em Irvine. Esta bibliografia serviu de parâmetro para Douglas Quine, que tem organizada uma confiável base de dados sobre seu pai Willard, disponível atualmente na internet em <http://www.wvquine.org/>.

Paradox: “the essays are arranged according not to date but to character and content”. Assim tentarei fazer.

1) Das “Harvard Lectures on Carnap” (1934) à “On What There is?” (1948):

Neste período Quine é fértil em idéias extraídas de temas da lógica formal matemática. Os escritos relevantes compreendidos nesta datação são “Ontological Remarks on the Propositional Calculus”(1934), “Truth by Convention” (1936), “Set theoretic Foundations for Logic” (1936), “Logic based on Inclusion and abstraction” (1937), “New Foundations for Mathematical Logic” (1937), “Designation and Existence” (1939), “A Logistical Approach to the Ontological Problem” (1939), “Notes on existence and Necessity” (1943), “Steps toward a Constructive Nominalism” (escrito em parceria com Nelson Goodman no ano de 1947), “On What There is”(1948). Estes artigos têm como tema a filosofia da lógica e tratam de problemas como a aplicação do cálculo de predicados de primeira ordem à linguagem natural, da referência e comprometimento ontológico presentes nos enunciados existenciais e da questão sobre a relação entre lógica modal e o cálculo de predicados de primeira ordem. A influência de Carnap neste período do percurso filosófico de Quine é evidente. A recepção inicial que Quine tem da filosofia de Carnap é bastante amigável e afirmativa. Apesar das críticas e divergências intelectuais posteriores, ambos se influenciaram e suas obras podem ser aproximadas através de diversos pontos. As “Lectures on Carnap”, de novembro de 1934 ministradas em Harvard constituem um marco porque estas conferências inauguraram o estudo, nas Américas, das teses do Círculo de Viena. Elas são apresentadas logo imediatamente à chegada de Quine aos Estados Unidos, após ter entrado em contato com o grupo e ter testemunhado as discussões nos seminários de Schlick. Quine mostra aos alunos ali presentes a necessidade de se tratar com rigor e transparência as questões filosóficas, e mostra também como é possível fazer uso dos recursos da lógica moderna para fins filosóficos. É, então, por este motivo, que as “Harvard Lectures on

Carnap” são tomadas como ponto de partida, apesar não serem a primeira publicação de Quine¹³.

Seu primeiro artigo, intitulado “A Note on Nicod’s Postulate” foi publicado na *Mind*, em julho de 1932. No ano seguinte, “A Theorem in the Calculus of Classes” e “The Logic of Sequences”. Já o primeiro livro foi a publicação de sua tese de doutorado, com o título *A System of Logistic*, em 1934, que se tornou uma grande contribuição à teoria matemática dos conjuntos. Além desta obra e do *Elementary Logic* (1941), dois outros marcam este tempo: *Mathematical Logic* de 1940, resultado dos cursos de lógica que ele ministra entre 1936 e 1939 no departamento de matemática de Harvard e *O Sentido da Nova Lógica*, de 1944. Este último é particularmente especial e se destaca porque foi o único livro de Quine escrito em português, durante sua estada no Brasil, enquanto trabalhava como professor visitante da Universidade de São Paulo em 1942.

Como já fora dito, o início do percurso filosófico de Quine é marcado por um grande interesse em lógica matemática. Neste momento ele confronta com questões a respeito da interpretação de símbolos lógicos e das relações entre linguagem formal e ordinária, sempre valorizando a lógica enquanto disciplina e a simbolização e a formalização enquanto instrumentos e método. Porém, questões filosóficas mais gerais como a ontologia e a metafísica também motivavam Quine. É desde este momento, no início dos anos 30, que surgem as preocupações com a ontologia. Este tema se manterá importante para ele até o fim de sua vida, e seu trabalho torna-se referência para as discussões sobre ontologia. O extenso trabalho sobre ontologia começa com uma publicação na revista *Mind* em 1934 do artigo “Ontological Remarks on the Propositional Calculus”, onde desenvolve a idéia de que a noção de proposição não é clara, pois o conceito não apresenta condições claras de individuação. Para fins

¹³ Não há dúvidas de que, ao eleger um trabalho como marco de uma época no contexto da obra de um autor, muitas controvérsias podem emergir. Tomei, particularmente, as “Harvard Lectures on Carnap” como marco inicial por ter sido uma apresentação pública onde o trabalho de Quine fez se notar. Além disso, elas são o resultado do encontro com Carnap, que foi fundamental para o desenvolvimento de sua filosofia e o inseriu nas discussões do empirismo lógico. Diferentemente, Dagfin Føllesdal elege o artigo “New Foundations for Mathematical Logic” como a contribuição mais importante de Quine para a lógica, além de considerá-lo o trabalho mais significativo do período de 1932 a 1943. Para maiores detalhes ver a introdução do livro editado por ele e Douglas Quine, W.V. Quine *Confessions of a Confirmed Extensionalist and Other Essays*, da Harvard University Press.

didáticos, chamarei este momento da produção de Quine de fase lógico-sintática.

2) De “Two Dogmas of Empiricism” (1951) à “Word and Object”(1960)

Estes foram anos áureos da produtividade de Quine, onde há uma concretização mais clara de seu eixo temático e tendência filosófica. Enquanto seus primeiros artigos aparecem de modo fragmentário e por vezes desconexo, neste momento, apesar das mudanças de ponto de vista e de reflexões mais radicais, o trabalho ganha mais coerência e cresce sistematicamente. Em 1951 publicou os artigos “Two Dogmas of Empiricism” na *Philosophical Review*, “On Carnap’s Views on Ontology” e “Ontology and Ideology” na *Philosophical Studies*. O primeiro artigo suscitou grandes debates, e é considerado por muitos especialistas como um dos mais importantes para a filosofia analítica do século XX. No ano seguinte escreveu “On an Application of Tarki’s Theory of Truth” e dois anos depois, em 1953, publicou “Three Grades of Modal Involvement”. Daí em diante, vieram vários artigos como “Quantifier and Propositional Attitudes” (1956), “Speaking of Objects” (1958), “Posits and Reality”(1960). Nestes anos Quine escreveu alguns em parceria com outros filósofos como Alonzo Church, William Craig, Mckinsey e Krentel, além de ter escrito sobre o trabalho de Carnap, Frege, Tarski e Strawson. Em 1953 a primeira coletânea de artigos fora publicada, a *From a Logical Point of View*, que contém trabalhos notórios como “On What there is”, a reimpressão de “Two Dogmas of Empiricism”, o “New Foundations for Mathematical Logic” e outros como “Logic and the Reification of Universals”. O importante livro *Word and Object*, de 1960 é o marco final deste momento fértil de sua carreira filosófica.

Dentre essas décadas, pode-se dizer que há uma nova preocupação além da análise da linguagem e dos métodos lógicos. Neste momento, Quine concentra-se em elaborar suas próprias posições a cerca da linguagem natural e científica, quando, então, faz uso de descrições comportamentalistas para explicar a construção e aquisição da linguagem. Afirma teses importantes como o problema da indiscernibilidade entre sentenças analíticas e sintéticas e a inescrutabilidade da referência. Em 1953 ganha a presidência da Association

of Symbolic Logic (1953-1956) e em 1955 torna-se Edgar Pierce Professor of Philosophy na Universidade de Harvard. Assim que sai de seu posto na ASL, ele é convidado para assumir como presidente na Eastern Division of the American Philosophical Association (1957). Por ter concentrado seus estudos na linguagem, o problema da referência e do aprendizado, e por conta do fato de que Quine procura resolvê-lo através de uma nova compreensão da noção de significado, chamá-la-ei de fase lingüístico-semântica¹⁴.

3) De *Word and Object* (1960), “Ontological Relativity” (1968), “Epistemology Naturalized” (1969) às coletâneas de artigos, livros críticos de comentadores, edição do Schilpp Volume e a obra final *From Stimulus to Science* (1995)

Desde 1960 até 1996, quando escreveu o último artigo (“Instinct, Reification and Extensionality”), Quine produziu mais de 100 textos incluindo artigos, resumos e ensaios. Trinta e cinco anos separam o livro *Word and Object* do último. Neste tempo, as questões que mais foram caras a Quine (crítica da analiticidade, ontologia, das visões tradicionais do significado, das modalidades lógicas) puderam ser exploradas. No livro *Set Theory and its Logic*, de 1963, mostra-se interessado em manter uma ontologia mínima, pois visa eliminar a estratificação da teoria dos conjuntos, livrando-se da hierarquia dos tipos, e derivar de um único esquema axiomático, a matemática. A teoria dos conjuntos de Quine é desenvolvida a partir do desejo de diminuição de postulados (*posits*). Mas *Word and Object* será o grande livro desta época, e a mais importante das obras de Quine. Nele, afirma que a linguagem é uma disposição que se instala através da cultura e das práticas sociais, junto à qual

¹⁴ Há um hiato de três anos entre a fase lógico-sintática e a fase lingüístico-semântica de acordo com minha classificação. Neste ínterim houve a publicação do importante trabalho “On Natural Deduction” no *Journal of Symbolic Logic* em 1949, o livro *Methods of Logic*, em 1950, e outros artigos no início de 1951, como “On Carnap’s Views on Ontology” (*Philosophical Studies*) e “Semantics and Abstract Objects” (*Proceedings of the American Academy of Arts and Sciences*). Poderíamos terminar o primeiro período em *Methods of Logic*, mas não ficaria claro que questões sobre ontologia e objetos não-existentes fazem parte dele. Preferi deixar “On What there is” como marco final porque neste artigos Quine procura lidar com as questões relativas a objetos matemáticos e como alguns problemas ontológicos lingüísticos podem ser ultrapassados. Sugiro, porém, que se considerem os artigos entre 1948 e 1951 (antes dos “Dois Dogmas”) como próprios à fase lógico-sintática. Apesar da equivocidade desta classificação, ela é importante enquanto método didático de tratamento dos trabalhos.

aprendemos a responder com observações a estímulos socialmente observáveis. As noções de significado são examinadas em relação aos mecanismos lingüísticos de referência objetiva, mecanismos estes que são frágeis e podem gerar anomalias. Este livro marca as reflexões filosóficas de Quine, porque ele chega a uma conclusão radical, rejeitando a noção de significado puro, de significado intensional e da possibilidade de se estabelecer referência objetiva através de estudos semânticos. Deste livro, outros trabalhos virão onde Quine reafirma a tese da indeterminação na qual qualquer hipótese pode ser defendida se suficientes modificações em outras partes da linguagem forem feitas. Podemos encontrar uma extensão desta tese em trabalhos como “Ontological Relativity” (1968), “Existence and Quantification”(1968) e em “Epistemology Naturalized”(1969). Nestas últimas décadas ele publica *Roots of Reference* (1974), “On Empirically Equivalent Systems of the World”(1975), “Facts of the Matter”(1977), “Things and Their Place in Theories”(1981). Os livros *The Pursuit of Truth* de 1990, *From Stimulus to Science* de 1995 e *The Web of Belief* finalizam este período, que irei chamar de fase ontológico-filosófica. Neste momento, a maior parte de seus pontos de vista havia sido enunciada. Em 1966 fora publicada uma coletânea de artigos em forma de livros que ficou consagrada *The Ways of Paradox and Other Essays*, contendo artigos como “Truth by Convention” e “Carnap and Logical Truth”. Em 1969, a coletânea *Ontological Relativity* também é publicada. Quine, inspirado pela frase “Some Pow’r did us the giftie Grant/ to see oursels as others can’t” inaugura um de seus últimos livros, a auto-biografia, *The Time of My Life*, de 1985. Depois deste, publica mais dois livros onde discute epistemologia, *Pursuit of Truth*, de 1990, e *From Stimulus to Science*, de 1995. Quine faleceu no natal, 25 de dezembro, de 2000 tendo publicado por volta de 300 artigos, várias resenhas, mais de 15 livros e com boa parte de seus manuscritos e anotações ainda por serem estudadas e publicadas.

Também é interessante ressaltar três acontecimentos que foram importantes para o percurso de Quine. O simpósio em homenagem ao *On What There Is?* foi um evento propulsor de sua carreira, onde a comunidade filosófica se mostrou interessada e movida pelas provocações e questões levantadas por ele.

Assim como o simpósio, a publicação de *Words and Objections* (1969), primeira coletânea crítica do pensamento de Quine, permitiu um diálogo mais consistente com seus interlocutores e foi uma oportunidade para o estabelecimento e valorização de sua obra. Há neste período um acontecimento importante no que diz respeito à sua carreira. Em *Words and Objections* é dada a Quine a oportunidade de ter suas teses comentadas e combatidas por pensadores e figuras importantes do cenário filosófico da época. Neste livro de discussões de teses filosóficas, ele elabora respostas e procura elucidar questões colocadas por seus interlocutores e seu trabalho ganha notoriedade e espaço, tendo sido comentado por grande quantidade de exegetas. Na década de 80 são publicadas várias coletâneas críticas, onde a mais importante é a edição de um prestigioso volume na *The Library of Living Philosophers*¹⁵. Em 1996, Quine ganhou o Prêmio Kioto, dado por uma fundação japonesa privada, devido à sua inestimável contribuição à categoria de artes e ciências morais¹⁶. Quine permaneceu produzindo até o fim de sua vida. Seu último ensaio “Confessions of a Confirmed Extensionalist” foi publicado postumamente em 2001. Alguns manuscritos e notas de aulas foram também dispostos para os leitores após a morte do filósofo através da ajuda de Douglas Quine. Ainda restam artigos não publicados, apesar do vasto número de elementos que compõem sua obra.

Com o percurso e os trabalhos de Quine assim dispostos, poderemos dar início a exposição de suas teses, a elaboração de críticas e o estudo mais aprofundado das relações entre teoria e experiência através da análise de aspectos de sua teoria do conhecimento.

¹⁵ Esta série, iniciada em 1939 por Arthur Schilpp, foi concebida como um meio através do qual um filósofo pudesse responder a seus intérpretes enquanto estivesse vivo. Na intenção e esperança de que questões de interpretação e hexegese textual fossem sanadas, cada volume foi dedicado a um filósofo, contendo biografia, bibliografia, uma coletânea de críticas e ensaios interpretados, todos com respostas especialmente preparadas pelo autor. Os livros da série formam uma coleção reconhecida e valorizada enquanto fonte de pesquisa.

¹⁶ “Creative arts and moral sciences”. Informação retirada da *Encyclopedia of World Biography* online, onde diz que Quine teria ganhado quase meio milhão de dólares com o famoso prêmio. “Willard Van Orman Quine.” *Encyclopedia of World Biography*. Thomson Gale. 2004. Encyclopedia.com. 1 Jun. 2009 <<http://www.encyclopedia.com>>.